

**REVIVER O PERÍODO COLONIAL ANGOLANA:
REPERCUSSÕES NO ENSINO DE HISTÓRIA E PERSPECTIVAS SOCIOCULTURAL****REVIVING THE ANGOLAN COLONIAL PERIOD:
REPERCUSSIONS ON HISTORY TEACHING AND SOCIO-CULTURAL PERSPECTIVES**Frederico Paulo Jorgina¹**RESUMO**

Na chegada dos portugueses em 1482, já haviam encontrado o reino do Kongo muito bem organizado no ponto de vista político, social, econômico e cultural na qual tinha o seu rei chamado Nimi ya Lukeny que comandava todo território Kongo que hoje desinado por actual Angola. Repensar e pensar das marguras que os nossos antepassados viveram no período do colonialismo portuguesa em que eram obrigados adotar a cultura portuguesa, falar a lingua portuguesa correctamente, vestir ao estilo portuguesa e obrigado a converter-se no cristianismo, era uma imposção pagar imposto, e outras situações. Caso não cumprir com essas condições não poderias fazer parte do estatuto portuguesa ou então poderias ter enviado ao serviço de escravo em troca de falta de pagar o imposto e carenciavas de muitos outros direitos.

PALAVRAS-CHAVE: Período Colonial. Repercussões. Perspectivas. Socio-Cultural.

ABSTRACT

When the Portuguese arrived in 1482, they had already found the Kongo kingdom very well organized from a political, social, economic and cultural point of view, in which it had its king named Nimi ya Lukeny, who commanded the entire Kongo territory that today is known as Angola. Rethinking and thinking about the hardships that our ancestors experienced in the period of Portuguese colonialism when they were forced to adopt Portuguese culture, speak the Portuguese language correctly, dress in the Portuguese style and forced to convert to Christianity, it was an imposition to pay tax, and other situations. If you do not comply with these conditions, you could not be part of the Portuguese statute or else you could have been sent to the slave service in exchange for failure to pay the tax and you lacked many other rights.

KEYWORDS: Colonial Period. Repercussions. Perspectives. Sociocultural.

¹Doutorado em História pela ACU - Absolute Christian University; Mestre pela Universidade Marien Ngouabi-Kongo Brazaville na opção de Didáctica de História e Ciências Sociais; Licenciado em Ciências de Educação na opção de Ensino de História pela Universidade Agostinho Neto, no Instituto Superior de Ciências de Educação de Cabinda; Professor de História e Metodologia de História pela escola de formação de professores e no Instituto Superior Politécnico do Soyo, Universidade 11 de Novembro; Investigador em questões de História de Afrika de modo particular Angola. **E-mail:** manguitukulufpj@gmail.com. **Currículo Lattes:** lattes.cnpq.br 2599571464052193.

INTRODUÇÃO

O Período Colonial, é definido pelos tempos de Angola colónia portuguesa - de 1482 a 1975; o Período Colonial, começa com a chegada dos Portugueses ao Zaire em 1482 e termina com a Independência de Angola em 1975. Foi uma época da procura pela parte dos Portugueses - Desde os primeiros contactos com os Portugueses que chegaram ao Antigo Reino do Kongo em 1482 e a eventual encontro do Antigo Reino do Ndongo e a fundação de Luanda em 1576 e o estabelecimento dos fortes portugueses de Massangano em 1583 e Muxima em 1594 ao longo do curso do Rio Cuanza. A presença portuguesa era dominada pela procura das famosas minas de prata de Cambambe e do Sumbe Ambela, e em menor grau, pelo crescente tráfico de escravos para São Tomé, Europa e Brasil. Também, foi caracterizado como uma época de grandes revoltas e resistência Afrikano de modo particular angolana com a perspectiva de se libertar do colonialismo português numa expectativa duma angola melhor no seu contexto sócio-cultural. É notavelmente para o ensino de história em todos subsistemas carece uma boa veracidade de factos no ensino de história de Angola. Esta deficiência de veracidades de factos no ensino de história de Angola continua gerar várias controvérsas e interpretações em vários extractos sociais. Por esta situação supercitado, colocamos duas perguntas de desafios científicos em reflexão que ajudará responder as hipóteses posteriores.

- Porque há controvérsas na narração dos factos de história e no ensino de história de Angola?

O trabalho tem como importância de suscitar o interesse do povo angolano na a verguação dos factos de história de Angola. Entretanto, o incentivo pessoal que descrevi o interesse, a necessidade, como professor de história de Angola, situando os momentos sérios e trágicos que os angolanos viveram e vivem. A nossa pretensão sem equívocos é querer trazer uma contribuição no ensino de história de Angola para uma compreensão lógico do processo histórico do movimento

de resistência africano que na intervenção colonial portuguesa e internacional em Angola e reflectir a controvérsas que existem hoje na transmissão dos factos históricos da história de Angola. Portanto, com base o desafio científico de perguntas supercitado formulou-se as seguintes hipóteses:

Muitos factos históricos de Angola ainda carece de exploração, por motivo da guerra colonial e civil que o país viveu durante vários anos, carência de fontes orais ou as bibliotecas vivas, falta de união das ideologias políticas na transmissão de factos da história de Angola para uma construção da unidade nacional, situação do ensino para o eurocentrismo em Angola.

O presente artigo tem como objetivo geral: Obter conhecimentos históricos com base teores metodológicos dos factos históricos de Angola no âmbito das ciências sociais, contextualizando no ensino e aprendizagem para contribuir na edificação passo a passo a verdadeira história de Angola afim de possuímos uma sociedade angolana com consciência democrática, unida e próspera e tem objectivo específico de promover o desenvolvimento de uma nova consciência nacional baseado na transmissão dos factos do passado de história de Angola que servirá de modelo pelo respeito de valores, pela dignidade humana, pela tolerância e cultura de paz, pelo respeito de si mesmo e dos outros e pela preservação do ambiente e, pôr em prática modos de atuação profissional no ensino de história de Angola.

REFERÊNCIAL TEÓRICO:

GRANDES PERIODOS HISTÓRICOS DE ANGOLA E A SUA HISTORIOGRAFIA

A Viagem Pela História de Angola em grandes períodos ou épocas, na esperança de que a extensão dos tópicos se torne mais fácil de se compreender. Esta periodização é um pouco arbitrária e opaca, contudo, é talvez a mais aceite pela maioria dos estudiosos da História de Angola. Assim sugiro que na História de

Angola encontramos quatro grandes épocas distintas, a saber com o foco no período colonial de Angola.

A Pré-História de Angola: A Pré-História de Angola, começa com a Idade da Pedra acaba com o fim do Período Neolítico - em geral de há quarenta mil anos até cerca do ano 1.000 depois de Cristo; cobrindo a proto-história dos povos pré-Bantus - Khoisan, Pigmeus, Cuissis, e Cuepes, que desde longa data habitam o actual território de Angola, até à chegada dos primeiros povos Bantus. Por sua vez, o Período Pré-Histórico é geralmente dividido em épocas que incluem a Idade da Pedra, o Período Neolítico, e o povoamento do território pelos povos pré-Bantus Pigmeus, Khoisan, até à chegada dos primeiros povos Bantus à região no Séc.XIII, precursores do Antigo Reino do kongo.

O Período Pré-Colonial: O Período Pré-Colonial, que começa com a Idade do Ferro, as grandes migrações dos povos Bantus, e o conseqüente estabelecimento dos reinos da savana, até que termina na data da chegada dos Portugueses ao Antigo Reino do kongo em 1482 -3 desde cerca do ano 1.000 depois de Cristo até aos fins do Séc. XV, que inclui a época que vai desde a chegada dos povos Bantus à região que hoje compreende o território de Angola no Séc. XIII e a chegada dos Portugueses nos fins do Séc. XV. Foi durante o período Pré-Colonial que se formaram os primeiros Estados Bantus na região pelos povos Ambundos e Bakongo. Este período na história de África inclui a Idade do Ferro, a origem dos povos Bantus e as suas grandes migrações para a África Central e Meridional, os antigos impérios sudânicos, os potentados do Golfo da Guiné, e os antigos estados Bantus que se estabeleceram nas bacias dos rios Zaire, Cuanza, Queve (ou Cuvo), Zambeze, Cunene, Cubango, Cuíto e Cuando, e os reinos Bantus dos Grandes Lagos e da África Oriental e Meridional. Antes do povo Bantu emigrarem viveram provavelmente entre o rio Níger e Lago Tchad há milhares de anos, mas nas regiões em que eles se espalhavam eram já habitados por outros povos caçadores pigmeus e khoisan.

O Período Colonial é o foco da pesquisa definido pelos tempos de Angola colónia portuguesa - de 1483 a 1975; o Período Colonial, começa com a chegada dos Portugueses ao Zaire em 1482 e termina com a Independência de Angola em 1975. O Período Colonial pode ser dividido em três épocas distintas:

a) *Primeiro Período* - A Época da procura Portuguesa - Desde os primeiros contactos com os Portugueses que chegaram ao Antigo Reino do Congo em 1481 e a eventual conquista do Antigo Reino do Ndongo e a fundação de Luanda em 1576 e o estabelecimento dos fortes portugueses de Massangano em 1583 e Muxima em 1594 ao longo do curso do Rio Cuanza. A presença portuguesa era dominada pela procura das famosas minas de prata de Cambambe e do Sumbe Ambela, e em menor grau, pelo crescente tráfico de escravos para São Tomé, Europa e Brasil.

b) *Segundo Período* - A Época do Tráfico de Escravos, inicialmente orientada para os engenhos de açúcar de São Tomé, ainda nos fins do Séc. XVI, e depois para os engenhos de açúcar do litoral brasileiro (Maranhão, Pernambuco e Bahia) até aos finais do Sec. XVII, e mais tarde para as minas de ouro e diamantes de Minas Gerais e São Paulo. Depois da independência do Brasil em 1822 a exportação de escravos de Angola foi em parte orientada para os Estados Unidos e para Cuba, embora a maioria dos escravos continuasse a ser absorvido pelo Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais), até depois da abolição da escravatura em 1836 em Angola.

c) *Terceiro Período* - A Época de Exploração de Produtos Coloniais (produtos tropicais e minérios - mel, borracha, açúcar, café, algodão, tabaco, milho, diamantes, ferro e petróleo) que começou em 1845 com o consulado do Governador Pedro Alexandrino da Cunha em 1845 e terminou com a independência de Angola em 1975. Esta época é principalmente definida pela Corrida à África pelas potências Europeias depois da Conferência de Berlim (1884-1885) e o estabelecimento de impérios coloniais de estados europeus em Afrika.

Foi durante este período que a invasão efectiva do território pelos Portugueses se completou através das Campanhas Militares de Ocupação entre 1851 e 1925 (no contexto do imperialismo europeu e da Corrida à África), e a colonização branca do território se realizou, com a exploração mais intensa dos recursos agrícolas e mineiros.

O Período pós-colonial: O Período pós-colonial, a partir do séc. XX é caracterizado pelo vários factos importantes que marcaram Angola: A independência de Angola (1975), A guerra civil Angolana foi um conflito armado em Angola, que teve início em 1975 e continuou, com alguns intervalos, até 2002. A guerra começou imediatamente após Angola se tornar "independente" do domínio de Portugal, em novembro de 1975. (1975 até 2002), a paz em Angola (2002 até datas de hoje).

FONTES DE HISTÓRIA DE ANGOLA

De uma forma geral, as fontes de estudo da História de Angola são muito escassas e de frágil objectividade. Mas antes de discutir as fontes da história de Angola é útil cobrir dois conceitos-chave de fontes escritas de história. As fontes de história classificam-se em geral em dois tipos: fontes primárias e fontes secundárias.

Fontes primárias: referem-se a qualquer trabalho que tenha sido escrito durante a época (ou pouco tempo depois) em que o objecto de estudo aconteceu. As fontes primárias são a matéria prima básica para o estudo da história. Um exemplo de uma fonte primária no estudo da história de Angola é a *Relatione del Reame di Congo et delle Circuonvicine Contrade Tratta dalli Scritti & Ragionamenti di Odoardo Lopez Portoghese per Filippo Pigafetta com disegni vari di Geografia, di piante, d'abiti, d'animali, & altro - Relação do Reino do Congo e das Terras Circunvizinhas - Tirada dos escritos e discursos de Duarte Lopez, Português - Por Filippo Pigafetta - Com Desenhos vários de Geografia, de Plantas, de trajos, de animais,*

etc., publicado em Roma em 1591 e traduzido em português por Rosa Capeans, publicado pela Agência Geral do Ultramar, em Lisboa em 1951. Nesta importante fonte da história de Angola encontramos uma descrição em primeira mão do Antigo Reino do Congo durante a época logo a seguir à chegada dos Portugueses e da sua consequente expansão para o Antigo Reino de Ndongo.

Fontes Secundárias: Por outro lado, fontes secundárias são aquelas que estudam as fontes primárias de um tópico em história depois do tempo do tópico a que o estudo se refere. Fontes secundárias são em geral estudos posteriores que cobrem a descrição, análise e explicação de fontes primárias. A obra do Professor Joseph Miller "*Way of Death - Merchant Capitalism and the Angolan Slave Trade 1730 - 1830*", publicada em 1988 pela University of Wisconsin in Press é um exemplo de uma fonte secundária pois é um estudo extenso e profundo de Fontes primárias sobre a prática do tráfico de escravos da região de Angola durante os anos que vai de 1730 até 1830, escrita no último quartel do Séc. XX.

Em termos de documentação escrita, no estudo da História de Angola só temos acesso a documentos escritos depois da chegada dos Portugueses à foz do Zaire em 1482. Estas fontes escritas se bem que escassas são valiosas, pois dão-nos uma descrição em primeira mão de como ocorreu o processo de contacto entre duas culturas; contudo, devemos sempre notar que os escritos dos Portugueses e dos missionários reflectem necessariamente as perspectivas portuguesa e cristã ao longo dos tempos, e não necessariamente a objectividade dos factos históricos de Afrika (Angola) propriamente dita.

A bibliografia colonial portuguesa sobre Angola é de certa forma extensa, comparada com a bibliografia de outras regiões africanas a sul do Sahara. Contudo, esta precisa de ser "traduzida" antes que se possa usar com propriedade na formulação da História de Angola. É assim difícil discernir nas diferentes "Histórias de Angola"

publicadas ao longo dos tempos, as diferentes interpretações que os seus autores lhes deram.

De particular importância para o estudo da História de Angola é ainda o estudo das descrições e memórias, autobiografias, relatos de viagens, diários e correspondência privada existentes. Contudo, apenas podemos usar estas fontes depois de as despir-mos de opiniões pessoais e juízos de valor que as acompanham, enquadradas no espaço e no tempo. É de facto muito interessante ler, por exemplo, as opiniões e comentários do Padre João António Cavazzi de Montecúcolo, na sua *Descrição Histórica dos Três Reinos: Congo, Matamba e Ngola*, onde a evidência da sua formação europeia e cristã do seu tempo sempre está presente.

Tradição oral: Cabe ainda referir o papel importante que a mitologia, as lendas, contos, advinhas, canções, danças, festejos e jogos podem desempenhar na interpretação de factos ou personagens históricas passadas. A cultura popular e o folclore dão uma visão não oficial dos factos, personagens e acontecimentos importantes, muitas vezes mais ricas e mais verdadeiras, e pouco mencionados nas fontes mais convencionais. Por exemplo, a obra de Óscar Ribas, pelo seu esforço em transcrever um grande número de elementos de cultura popular luandense, é hoje uma fonte imprescindível. Na verdade, um tesouro valioso, para se compreender o quotidiano de Luanda antiga.

Evidência arqueológica: A evidência arqueológica é também muito escassa e ainda não está organizada numa forma sistemática. Apesar dos trabalhos de Desmond Clark, Camarate França, Santos Júnior, Carlos Ervedosa, e outros, na segunda metade do Séc. XX, muito ainda está por estudar no que diz respeito à cobertura arqueológica de Angola.

Antropologia e Etno-História: Cabe aqui realçar o papel especial da antropologia (por alguns estudiosos designada por etnologia ou etnografia) e da etno-história no estudo e compreensão das sociedades angolanas tradicionais, e a contribuição que estas podem dar a uma formulação mais correcta e abrangente da

História de Angola. Sabemos assim das contribuições valiosas que um número restrito de etnólogos (ou antropólogos, a saber, Henrique de Carvalho, José Redinha, Carlos Estermann, João Vicente Martins, Mário Milheiros, Manuel Alfredo Morais Martins, e Mesquitela Lima) deram para o conhecimento mais profundo da história de alguns povos de Angola.

É ainda importante referir que para esta Viagem Pela História de Angola recorri somente as fontes secundárias (bibliografia) e que não conduzi qualquer investigação original baseada em fontes primárias. Assim, filtrei e extrapolei a informação que tive disponível e recorri sempre que necessário à economia política, à sociologia, à antropologia, à demografia e as outras disciplinas sociais para tentar colmatar as lacunas da desejada evidência história.

REPERCUSSÕES NO ENSINO DE HISTÓRIA ANGOLANA E PERSPECTIVAS SOCIOCULTURAL

O contacto entre os angolanos do reino do Kongo com os portugueses, segundo as fontes, seria balizado numa tradição mitológica que justificava a chegada dos “invasores”, relacionado-a com seus Deuses. Segundo Vainfas e Souza: Ao olhos dos kongueses, o rei português passava, pois, a ser assimilado a Zambi-wa npungu, divindade suprema dos povos bantu, senhor que reinava no mundo dos mortos, pois, vale dizer, a festa era também para João da Silva, konguese batizado e embaixador do rei do kongo morto na viagem.” (2006, p. 51) Uma dos factores que explica essa relação entre Zambi-wa-npungu e os portugueses relaciona-se a um contacto entre eles. Ocorre que, em 1485, quando Diogo Cão desembarcou no Zaire pela segunda vez, enviado por Dom João II, alguns dos homens que acompanhavam sua esquadra foram enviados até o Manikongo para um contacto inicial. A demora do retorno desses lusos fez com que Diogo Cão retornasse a Portugal sem a presença deles, porém levando consigo alguns sujeitos bantus, oriundos do

Reino do Kongo, que comprovavam a chegada em novas terras. Os africanos levados a Portugal aprenderam alguns hábitos linguísticos e religiosos e, propositalmente, foram bem-tratados, para que tivessem uma boa impressão do reino português, difundindo essa informação aos demais integrantes do Reino do Kongo, assim que aportassem em seu território. Após anos em Portugal, eles retornaram às terras angolanas e foram devolvidos aos seus conterrâneos, que, por sua vez, já haviam perdido as esperanças em relação a sua seguridade.

Esse facto resultou numa resignificação por parte dos bantus, relacionando os portugueses ao Deus bantu, que fazia a ligação entre a morte e a vida, colocando assim os lusos numa situação privilegiada. Sendo que, no decorrer desse processo, eles se privilegiaram substancialmente dessa situação. Aproveitando-se desse processo, os portugueses desenvolveram uma lógica de dominação balizada em uma relação “amistosa” com os líderes ou reis das comunidades bantus existentes, justamente para estabelecer relações de confiança, que posteriormente possibilitassem desenvolverem a lógica colonial pretendida.

No reino do Kongo, especificamente, a partir da chegada de Diogo Cão, as relações entre portugueses e os manikongos seria centradas na conversão ao catolicismo, como foi o caso do Manikongo Nsoya, convertido ao catolicismo e recebendo o nome de Dom João I, quando foi batizado. Nas entrelinhas desse processo, que teria como principal característica a conversão ao catolicismo e as relações dadas como amistosas, os portugueses desenvolveram um sistema organizado, isto é, as lideranças políticas auxiliavam o poderio português na apreensão de indivíduos, que eram destinados aos portos principais de Luanda e Benguela e, posteriormente, enviados principalmente ao Brasil, colônia portuguesa na América, que necessitava de mão de obra para a manutenção do sistema de escravatura.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo qualitativo de natureza descritiva a ser realizado com professores de história, estudantes de história, sobas, e outros conhecedores de história identificado no instituto superior politécnico do soyo, Universidade 11 de novembro, escola de magistério do Soyo, no bairro Mpinda. Usamos o método histórico, cultural, analítico que a sua explicação é baseado numa harmonia e coesão dos factos que será explorado didacticamente com uma dinâmica coesa. Quanto ao técnica de pesquisa, usamos três técnicas, tais como documental que põe em presença do investigador e por um lado o documento que contém a informação procurada por outro lado. Entre estas técnicas, nós trabalhamos com os documentos escritos: Estes são os documentos cujas informações adquirimos pela leitura do texto dos documentos, são documentos que elevam a cultura de material de um povo, técnica do internet também constitui uma utilidade não negligenciada na medida em que onde consultamos algumas obras e artigos em linha de um site, técnica Viva: são as técnicas que abriram um contacto, uma comunicação entre os seres humanos. Nós trabalhamos com questionário de fechado sendo um meio que permitiu o investigador colher a informação que traduz os fenômenos fielmente para estudar, Concernente ao tipo de entrevista, nos usamos a entrevista não estruturada donde o interlocutor é livre nas respostas dadas ao pesquisador e a técnica de observação que consiste a um exame minucioso de um problema à resolver.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a chegada dos portugueses em Angola, no último quartel do século XV, havia uma alteração significativa no quadro político, econômico e cultural da região. Em 1482-3, a mando do reino português, Diogo Cão aportou na foz do rio Zaire, o reino do kongo era forte e estruturado, tinha como líder Nimi ya Lukeni. Em

termos territoriais, o Kongo estava organizado em seis províncias: Nsoya, Mbamba, Nsundi, Mpangu, Mbata e Mpemba. (PANTOJA, 2000, p. 57). Além dessa organização política, havia as Mbanzas e estados independentes, como o Ndongo, Matamba, Loango, Ngoyo, Dembe, Kakongo, entre outros. (PANTOJA, 2000, p. 58) O poder central do Nimi ya Lukeny, organizava-se por meio de cobranças de impostos em produtos, cobrados entre as províncias, estados independentes, Mbanzas. Os tributos podiam ser pagos em produtos como ráfia, marfins e cativos, mas os povos do Kongo desenvolveram uma espécie de moeda local, as conchas de Nzimbu, vindas da Ilha de Luanda. (PANTOJA, 2000, p. 62).

Portanto, os colonizadores destruíram o legado cultural Angolana, destruição das famílias, suas crenças, culturas por via de imposição. As escolas angolanas ainda herdaram há vários anos o modelo colonial no processo de transmissão do ensino e aprendizagem. As fontes escritas de história de Angola são as vezes influenciadas pela historiografia eurocêntrica com as versões das histórias incríveis, muitas vezes escritos pelos portugueses. Outrossim, carência de veracidade e exploração de alguns factos históricos através de guerra colonial e civil que Angola viveu. Por via destas versões que se aponta o surgimento de controversas na narração de história de Angola.

A colonização gerou rivalidades internas ainda não superadas. Disputas por poder, terras e recursos naturais, somadas à miséria, os conflitos nos países Afrikanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A África vive numa situação que a sua história foi aprisionada, manipulada pelo colonizador e limitado dos seus objectivos, os mesmos são traçados por instituições internacionais que comandam a economia. Outrossim, as escolas angolanas desde muito tempo transmitiram alguns valores herdados pelo colonialismo e favorecendo assim a alienação cultural e a presença de

neocolonialismo. Esta realidade não passa também de Angola e não se falaria de história de Angola sem fazer a menção a constituição do Estado Angolano e a sua historiografia na qual demonstramos os grandes períodos de história de Angola e as suas fontes primárias e secundárias onde ilustra a carência dos documentos mas por outro lado, o poder da tradição oral e oralidade que serviu como fonte na divulgação de história de África caso Angola.

A descrição e o estudo da evolução humana ao longo dos tempos são mais fáceis de se compreender quando a dividimos em idades ou épocas distintas, pelas quais agrupamos um ou mais elementos fundamentais comuns. Por outro lado, a passagem de uma época histórica para a próxima é em geral marcada por um salto qualitativo (uma revolução), geralmente com origem em melhoramento significativo nas técnicas de produção de alimentos ou na técnica de fazer guerra, ou ainda na organização comercial ou político-militar. É em geral fácil de reconhecer as mudanças no sistema económico (modo de produção) e nas mudanças das instituições sociais e políticas que demarcam um período do próximo que lhe segue.

REFERÊNCIA

BADE, Klaus J; Brown, Allison (tr.) (2003), Migration in European History, The making of Europe, Oxford: Blackwell, ISBN 0-631-189394, OCLC52695573 (translated from the German).

BAINVILLE, J., et KEYNES, J.M., Deux Analyses Du Traite De Versailles par Édouard, Husson, spécialiste de l'Allemagne. S/D

BAKER, K. (2006), Stabbed in the Back the past and future of a right-wing myth, Harper's Magazine.

BALANDIER G. (1965), La vie quotidienne au Royaume du Kongo, XVI-XVIII^{ème} siècle, éd. Hachette, Paris.

BA MAMPUYA B. (1971), Voici les jagas, histoire d'un peuple parricide bien malgré lui, O.N.R.D., Kinshasa.

BENDER, G.J., (2004), Angola sob o domínio português, éd. Nzila, Luanda.

BIRMINGHAM, D., (1953), La conquête portugaise en Angola, Oxford University Press, London.

BOAVIDA, A., (1967), Angola, civilisation brésilienne, Rio de Janeiro.

BOLS, A., Sociologie africaine, B.E.N.C., Kinshasa, S.D.

BRANDAO DE MELLO, A., (1931), Monographie historique, géographique et économique de la colonie destinée à l'exposition coloniale, Imprimerie Nationale de Luanda.

CADORNEGA, A., (1942), História Geral das guerras Angolanas (1680-1681), Lisbonne.

CASTILHON, L. (1769), Zingla reine d'Angola, Loambe, Paris,

CAVAZZI, (1965), Descrição Historica dos três Reinos do Congo, Matamba et Angola, Lisboa.

CLINGTON, M. S. (1975), Angola libre ? éd. Gallimard, Paris.